



USO DE ANIMAIS EM AULAS PRÁTICAS: PERFIL E PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFAC

Sandro Augusto do Vale Pereira Filho¹, Eder Ferreira de Arruda², Fábio Augusto Gomes³, Soraia Figueiredo de Souza³, Henrique Jorge de Freitas³

1. Graduado em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco – Rio Branco/Acre – Brasil (dinho_vale@hotmail.com)
2. Graduando em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco – Rio Branco/Acre – Brasil
3. Professor Doutor da Universidade Federal do Acre, Campus Rio Branco - Rio Branco/Acre – Brasil (augusto.ufac@gmail.com)

Recebido em: 30/09/2014 – Aprovado em: 15/11/2014 – Publicado em: 01/12/2014

RESUMO

A utilização de animais vivos em aulas práticas está crescendo de forma expressiva nos últimos anos em todo o mundo. Esse trabalho teve como objetivo conhecer o perfil e a percepção dos alunos sobre o uso de animais em aulas práticas no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre (UFAC). Foram entrevistados 118 discentes do curso de Medicina Veterinária no período de junho e julho de 2014. Os resultados demonstraram que quanto ao perfil, à maioria dos estudantes era do sexo feminino (56,8%), encontrava-se na faixa etária de 17 a 27 anos (84,7%) e cursava o 5º período (32,2%). Com relação à percepção sobre o uso de animais vivos em aulas práticas, 95,8% dos graduandos informaram que nunca se recusaram em participar de alguma aula prática, sendo o principal motivo relatado para não recusa o fato de que não viam problema no uso de animais (69%). A maioria dos estudantes (94,9%) acredita que essas aulas são indispensáveis para sua formação e 67,8% disseram que conhecem pelo menos um método alternativo. Entretanto, a maior parte (44,1%) respondeu que não tem certeza se gostariam de usar esses métodos na sua formação, mas consideram importante discutir o tema (89,8%). Dado o exposto, conclui-se que o perfil e percepção dos estudantes encontrados não são diferentes dos relatados em outras instituições de ensino superior do país. Contudo, há entre os estudantes da UFAC a necessidade de discutir coletivamente essa temática para assim alcançar todos os discentes e aumentar as metodologias de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Animais, Aulas práticas, Estudantes, Medicina Veterinária

USE OF ANIMALS IN PRACTICAL: PROFILE OF PERCEPTION AND ACADEMIC COURSE OF VETERINARY MEDICINE UFAC

ABSTRACT

The use of living animals in practical classes is growing significantly in recent years throughout the world. This study aims to know the students' profile and perception on the use of living animals in practical classes in the Veterinary Medicine course, at the

Federal University of Acre – (UFAC). Which 118 Veterinary Medicine students were interviewed between June and July 2014. The results show the students' profile: the majority of them were female (56.8%), they were 17-27 years of age (84.7%) and they attended the course 5th period (32.2%). Regarding the students' perceptions about the use of living animals in practical classes, 95.8% reported they have never refused to participate in any practical class, being the main reported reason the fact that they see no problem in using living animals (69%). Most students (94.9%) believe these lessons are essential to their training and 67.8% of students said they know at least one alternative method. However, most students (44.1%) answered they are not sure they would like to use these methods in their academic training, but they consider important to discuss this issue (89.8%). Due to the exposed information, it is concluded that the students profile and perception reported are not different from those reported in other universities of the country. However, among the UFAC students, there is the need to collectively discuss this issue in order to reach all students and increase the teaching methodologies.

KEYWORDS: Animals, Practical classes, Students, Veterinary Medicine

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos há uma crescente discussão sobre a utilização de animais nas aulas práticas no ensino superior brasileiro, tendo em vista que a sociedade está atenta às questões éticas e científicas acerca do assunto. Tal utilização ocorre em diversos cursos como Medicina, Psicologia, Farmácia, Fisioterapia, Educação Física, Medicina Veterinária, Zootecnia, entre outros, tendo como objetivos, principalmente, o estudo da anatomia interna, observação de eventos fisiológicos e respostas orgânicas ao uso de fármacos, o comportamento animal em diferentes circunstâncias e o desenvolvimento de habilidades hospitalares e cirúrgicas (MASSON et al., 2013; DANIELSKI et al., 2011).

Os animais mais comumente utilizados são ratos e rãs, seguidos de gatos, cães, coelhos, minhocas, fetos de porcos, peixes dentre outros. Estes animais chegam às salas de aulas através de criadouros particulares, biotérios, coletas realizadas na natureza ou aquisição junto ao Centro de Controle de Zoonoses (GREIF, 2003).

A utilização de animais em Medicina Veterinária para o ensino de técnicas operatórias é frequente em todas as universidades brasileiras que ofereçam o curso e é tida, também, como prática comum aceitável pela grande maioria dos professores, e que tem se perpetuado através da falta de debate e questionamentos acerca de tais práticas (MORAES, 2005).

No Brasil, há poucos estudos que abordam a temática da utilização de animais em aulas práticas avaliando a percepção que os estudantes têm dessa metodologia didática, dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo relatar a percepção de alunos sobre o uso de animais vivos em aulas práticas no curso de Medicina Veterinária na Universidade Federal do Acre, assim como avaliar o conhecimento dos mesmos sobre a existência de métodos alternativos e se aprovam o aprendizado através da utilização desses métodos.

MATERIAL E MÉTODO

Tipo de estudo

A pesquisa tratou-se de um estudo transversal, descritivo e analítico. Para fins desta pesquisa, estudos transversais são entendidos como estudos que visualizam a situação de uma população em um determinado momento, como instantâneos da realidade (ALMEIDA FILHO & ROUQUAYROL, 2006).

Local de estudo

O estudo foi realizado na Universidade Federal do Acre – UFAC, no curso de bacharelado em Medicina Veterinária. O referido curso foi criado em meados de 2008 com o objetivo de formação e a capacitação profissional de médicos veterinários para atender a crescente demanda de mercado e suprir a carência desses profissionais no estado.

O curso tem a duração mínima de 5 anos e conta com uma carga horária de 4.530 horas, sendo estas divididas em 3.540 horas de disciplinas obrigatórias e 270 horas de disciplinas optativas, nas quais são utilizados animais em muitas aulas práticas.

População de estudo e amostragem

A amostra foi constituída de 59,9% dos alunos regularmente matriculados no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre – UFAC no 1º semestre de 2014, totalizando 118 indivíduos elegíveis. Foram excluídos do estudo os alunos do 1º período por ainda não terem vivência de aulas práticas com a presença de animais vivos.

Coleta de dados

A coleta dos dados foi feita através da aplicação de um questionário semiestruturado com questões objetivas durante os meses de junho e julho de 2014. As questões tratavam sobre a utilização de animais nas aulas práticas, a postura dos alunos e a utilização e conhecimento de métodos alternativos.

Tratamento e análise dos dados

O programa estatístico SPSS, versão 13.0, foi utilizado para digitação, revisão e análise dos dados, onde foram calculadas as frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas e a média para as variáveis contínuas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população de estudo foi composta por um total de 118 estudantes do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre – UFAC, distribuídos da seguinte forma: 43,2% eram do sexo masculino e 56,8% do sexo feminino. Resultados semelhantes foram encontrados por SOUSA (2007) na Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC-SSA), na cidade de Salvador (BA), que verificou uma maior porcentagem de estudantes do sexo feminino (69%) e por FEIJÓ et al. (2008) que também encontraram maior porcentagem de mulheres (69,3%) entre os alunos universitários da área da Saúde e das Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

TABELA 1. Características do sexo, faixa etária e distribuição por período do curso dos estudantes de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre. Rio Branco, Acre, 2014.

Variáveis	n (%)
Sexo	
Masculino	51 (43,2)
Feminino	67 (56,8)
Faixa etária	
17 a 27 anos	100 (84,7)
28 a 37 anos	12 (10,2)
≥ 38 anos	06 (5,1)
Período do curso	
3º	28 (23,7)
5º	38 (32,2)
7º	22 (18,6)
8º	11 (9,3)
10º	19 (16,1)
Total	118 (100)

Segundo COSTA & BEVILACQUA (2013), a feminilização da profissão coincide com um intenso processo de valorização da área de clínica médica de animais de companhia (cães e gatos) e a conseqüente privatização da profissão, o que também ocorre a partir da década dos anos oitenta do século passado. Assim, considera-se que o aumento da presença feminina em cursos de graduação em Medicina Veterinária não é aleatório, já que a presença feminina vai se dá em espaços específicos de treinamento (quando na graduação) ou de exercício profissional.

Dentre os estudantes entrevistados, 78% relataram que os professores não costumam perguntar se alguém tem alguma objeção à utilização de animais vivos antes de iniciar a aula prática. De acordo com FEIJÓ (2005), em se tratando de um ambiente de ensino, onde professor e aluno interagem o questionamento sobre usar ou não animais, e as respostas a ele adquirem uma grande importância, pois nortearão ações futuras de futuros profissionais onde o respeito pela vida e pelos animais pesarão (ou não) nas decisões. O uso de animais para a educação merece, portanto mais reflexão por parte destes profissionais do ensino pela conseqüência na formação profissional do estudante.

Quando entrevistados sobre a objeção em participar de alguma aula prática com uso de animais vivos, 95,8% dos acadêmicos responderam que nunca se recusaram, contudo 4,2% afirmaram já terem se recusado a participar de pelo

menos uma aula prática em virtude da utilização de animais vivos nas mesmas (Tabela 2). Esse achado equivale ao resultado obtido por ANDRADE et al., (2009) na Universidade Federal do Piauí (UFPI) na qual 97% dos alunos nunca tinham recusado participar de alguma aula prática que utilizavam animais vivos. Para NEGRÃO & PASCOLI (2012), respeitar a preferência dos alunos sobre o uso ou não de animais vivos é uma ação ética uma vez que devem ser considerados os interesses da pessoa afetada, expressos em suas preferências. Porém, esse movimento deve ser feito após se pensar e refletir de maneira individual e coletivamente sobre a situação e todos os fatos pertinentes à ação.

TABELA 2. Percepção dos estudantes sobre a postura dos professores diante a utilização de animais vivos em aulas práticas no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre. Rio Branco, Acre 2014.

Perguntas	n (%)
<i>Os professores costumam perguntar se algum estudante tem alguma objeção à utilização de animais vivos antes de iniciar a aula prática?</i>	
Não	92 (78)
Sim	26 (22)
<i>Você já se recusou a participar de alguma aula prática que continha a utilização de animais vivos?</i>	
Não	113 (95,8)
Sim	5 (4,2)
Total	118 (100)

Dentre os 95,8% de estudantes que nunca se recusaram a participar de aulas práticas que continham animais vivos, a maioria era do sexo feminino (54,9%) e do 5º período. Quando analisados os motivos pelos quais os mesmos nunca se recusaram a participar, verificou-se que 69% destes não viam problemas no uso dos animais, 17,7% respeitavam a metodologia do professor e 10,6% desconheciam algum método alternativo para substituição dos animais vivos. Outros motivos citados pelos estudantes foram: medo de repreensão do professor (0,9%) e desconforto perante os colegas (0,9%) (Tabela 3). Por sua vez, esse resultado difere do relatado por SOUSA (2007) que encontrou como principal motivo o fato dos estudantes respeitarem a metodologia dos professores (40%).

Quando indagados se os professores oferecem algum método alternativo caso algum estudante se recuse a participar de aula prática com uso de animais vivos, 69,5% dos entrevistados relataram que não e 30,5 % relataram que os professores disponibilizam pelo menos um método alternativo.

Neste contexto, DANIELSKI et al., (2011) ressalta-se a interação entre professor-aluno como elemento inquestionável, no aspecto formativo dos alunos, a educação transformando-os pela convivência. Dessa forma, torna-se notória e desafiadora a necessidade do emprego de métodos alternativos, do refino de

técnicas para reduzir ou eliminar o uso de animais no ensino e na pesquisa sempre que possível, objetivando a humanização dos futuros profissionais assegurando uma postura ética nas práticas e pesquisas acadêmicas com o uso de animal.

Ao serem perguntados se acreditam que um estudante de Medicina Veterinária poderia ser bem preparado profissionalmente sem utilizar animais vivos, a maioria dos entrevistados (87,3%) acreditava que “não” enquanto 12,7% acreditavam que “sim”, um estudante do seu curso pode ser bem preparado sem utilizar animais vivos. Contudo, esse resultado difere do que é relatado por RODRIGUES et al., (2011) os quais afirmam que há no contexto acadêmico nos últimos anos a insistência cada vez maior dos próprios estudantes para a utilização de métodos alternativos em substituição aos animais vivos nas aulas práticas e que as alternativas são consideradas por estes bons métodos para a aquisição de conhecimento, substituindo os animais nessas atividades.

TABELA 3. Caracterização dos estudantes que nunca se recusaram a participar de aulas práticas com utilização de animais vivos no curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre. Rio Branco, Acre, 2014.

Variáveis	n (%)
Sexo	
Masculino	51 (45,1)
Feminino	62 (54,9)
Período do curso	
3º	28 (24,8)
5º	38 (33,6)
7º	21 (18,6)
8º	11 (9,7)
10º	15 (13,3)
Motivo da ausência de recusa	
Não via problema no uso de animais	78 (69)
Respeito à metodologia do professor	20 (17,7)
Desconhecimento de métodos alternativos	12 (10,6)
Medo de repreensão do professor	1 (0,9)
Desconforto perante os colegas	1 (0,9)
Outros	1 (0,9)
Total	113 (100)

Quando questionados sobre a importância dos usos de animais nas aulas práticas para a própria formação profissional, a maioria dos graduandos (94,9%) responderam que “sim”, a prática com a presença de animais é indispensável para a formação profissional e apenas 5,1% responderam que “não” (Tabela 4). Esse achado é superior ao encontrado por ANDRADE et al. (2009) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), onde 80% consideram necessária a utilização de animais vivos para as práticas de ensino nas universidades e ainda citam que através dessa utilização possuem uma melhor compreensão do conteúdo ministrado. Conforme RODRIGUES et al., (2011), esse tipo de posicionamento demonstra, mais uma vez, o quanto o uso de animais está arraigado à nossa cultura científica. Muitos professores também utilizam a justificativa do valor da experiência de manipulação do animal, para a formação profissional do aluno.

TABELA 4. Percepção dos discentes de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre sobre a contribuição do uso de animais vivos para sua formação profissional. Rio Branco, Acre 2014.

Perguntas	n (%)
<i>Para sua formação profissional, acredita que as aulas práticas com animais são indispensáveis?</i>	
Sim	112 (94,9)
Não	6 (5,1)
<i>Acredita que um estudante de Medicina Veterinária pode ser bem preparado sem utilizar animais vivos?</i>	
Sim	15 (12,7)
Não	103 (87,3)
Total	118 (100)

Dentre os estudantes entrevistados, 67,8% (n=80) conheciam algum método alternativo ao uso de animais vivos em aulas práticas e 32,2% (n=38) não conhecem pelo menos um método substitutivo. De acordo com RODRIGUES et al., (2011), pode-se inferir que a lenta substituição de animais vivos por métodos alternativos nas instituições de ensino superior do país deve-se à falta de conhecimento sobre essas opções ou sobre onde conhecê-las.

Dentre os 67,8% de acadêmicos que responderam “sim”, verificou-se que a maioria era do sexo feminino (60%), na faixa etária de 17 a 27 anos (85%), do 3º e 5º períodos (23,8%) e os métodos mais conhecidos por estes são: animais mortos naturalmente (70%), vídeo (42,5%), simulação computadorizada (37,5%), modelos plásticos ou sintéticos (35%), seres humanos (1,3%) e outros (1,3%) (Tabela 5).

Quando perguntados sobre a eficiência e eficácia dos métodos alternativos para um aprendizado de qualidade, 62,8% dos estudantes responderam que os métodos alternativos são suficientes, contudo 36,4% responderam que “não” e 0,8% não responderam. Todavia, quando indagados sobre a possibilidade de utilizar métodos alternativos durante as aulas práticas, a maioria dos estudantes (44,1%)

afirmou que não tem certeza se gostaria que esses métodos fossem utilizados, 42,4% responderam que “sim”, 12,7% disseram que “não” e 0,8% não responderam (Tabela 6). Porém na pesquisa realizada por MELGAÇO et al. (2011) em uma Instituição Federal de Ensino Superior na cidade do Rio de Janeiro a maior parte dos graduandos (42%) foram favoráveis a substituição dos animais vivos por métodos alternativos.

De acordo com FEIJÓ et al. (2008), a posição contrária ou de dúvida à substituição do uso de animais por métodos alternativos pode ser influenciada, por dois fatores: 1) resistência, por parte de alguns docentes, ao uso de métodos alternativos, ou por acharem os mesmos insuficientes para o aprendizado dos estudantes, ou por seguirem a mesma metodologia usada quando de sua formação profissional. Sendo o professor o multiplicador de conhecimento suas atitudes irão servir de modelo aos alunos que tendem a seguir a conduta de seus docentes; 2) falta de conhecimento dos alunos e professores sobre os métodos alternativos existentes.

TABELA 5. Caracterização dos acadêmicos que conhecem algum método alternativo ao uso de animais vivos em aulas práticas do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, 2014.

Variável	n (%)
Simulação computadorizada	30 (37,5)
Modelos plásticos ou sintéticos	28 (35)
Seres humanos	1 (1,3)
Outros	1 (1,3)
Sexo	
Masculino	32 (40)
Feminino	48 (60)
Faixa etária	
17 a 27 anos	68 (85)
28 a 37 anos	7 (8,7)
≥ 38 anos	5 (6,3)
Período do curso	
3º	19 (23,8)
5º	19 (23,8)
7º	17 (21,3)
8º	7 (8,7)
10º	18 (22,4)
Métodos conhecidos	
Animais mortos naturalmente	56 (70)
Vídeo	34 (42,5)

TABELA 6. Percepção dos acadêmicos sobre a utilização de métodos alternativos nas aulas práticas do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Acre. Rio Branco, Acre, 2014.

Perguntas	n (%)
<i>Acredita que os métodos alternativos são eficientes para um aprendizado de qualidade?</i>	
Sim	74 (62,8)
Não	43 (36,4)
Não respondeu	1 (0,8)
<i>Gostaria que fossem aplicados métodos alternativos ao uso de animais vivos durante as aulas práticas?</i>	
Sim	50 (42,4)
Não	15 (12,7)
Talvez	52 (44,1)
Não respondeu	1 (0,8)
Total	118 (100)

CONCLUSÕES

Dado o presente estudo, verifica-se que o perfil e a percepção dos estudantes do curso de Medicina Veterinária da UFAC quanto à utilização de animais vivos em aulas práticas, não são diferentes do perfil e percepção encontrados em outras instituições de ensino superior do país.

Os resultados revelaram que a maioria dos acadêmicos não tem problemas em participar das aulas práticas que utilizam animais vivos e ainda acreditam que os métodos alternativos são eficientes para um aprendizado de qualidade mesmo não tendo certeza se querem utilizá-los. Desta forma, conclui-se, que existe entre os estudantes a necessidade da oportunidade de opção de utilizar ou não métodos alternativos para assim alcançar todos os discentes e aumentar as possibilidades de ensino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N.; ROUQUAYROL, M.Z. **Introdução à epidemiologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 282 p.

ANDRADE, R.; COSTA, V.; SANTOS, M.; BRITO, J. Análise da percepção dos alunos do IFPI E UFPI, quanto à importância de animais vivos no ensino superior. In: **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.10, n.19; p. 1829 2014

IV Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte e Nordeste de Educação Tecnológica, Belém – PA – 2009.

COSTA, L. M.; BEVILACQUA, P. D. Gênero e academia: o espaço de formação e atuação da mulher em Medicina Veterinária. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2013. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa-Brasil, 2013.

DANIELSKI, J. C. R.; BARROS, D. M.; CARVALHO, F. A. H. O uso de animais pelo ensino e pela pesquisa: prós e contras. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v5, n.1, p.72-84, Mar., 2011.

FEIJÓ, A. **Utilização de animais na investigação e docência: uma reflexão necessária**. Porto Alegre: EDIPUC, 2005.

FEIJÓ, A. G. S.; SANDERS, A.; CENTURIÃO, A. D.; RODRIGUES, G. S.; SCHWANKE, C. H. A. Análise de indicadores éticos do uso de animais na investigação científica e no ensino em uma amostra universitária da Área da Saúde e das Ciências Biológicas. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v.18, n.1, p.10-19, jan./mar. 2008.

GREIF, S. **Alternativas ao uso de animais vivos na educação pela ciência responsável**. São Paulo: Instituto Nina Rosa, 2003. 176p.

MELGAÇO, I. C. P. P. S.; MEIRELLES, R. M. S.; CASTRO, H. C. Implicações éticas e legais do uso de animais no ensino: as concepções de discentes dos cursos de graduação em ciências biológicas e biomedicina de uma instituição federal de ensino superior localizada no estado do Rio De Janeiro – Brasil. **Revista Investigações em Ensino de Ciências** v.16, n.2, p.353 – 369, 2011.

MASSON, I. F. B.; BALDAN, C. S.; RAMALHO, V. R.; JUNIOR, I. E. ; MASSON, D. F.; PEIXOTO, B. O.; VILICEV, C. M.; FARCIC, T. S. Conhecimento e envolvimento de graduandos em fisioterapia acerca dos preceitos éticos da experimentação animal. **Revista Bioética**, v. 21, p 136-41, 2013.

MORAES, G. C. **O uso didático de animais vivos e os métodos alternativos em medicina veterinária**. São Paulo, 2005. 96 p. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) Universidade Anhembi Morumbi. 2005.

NEGRÃO, S. L.; PASCOLI, A. L. Vivência curricular: debate e ações dos acadêmicos de medicina veterinária sobre o uso de animais para o ensino de graduação. **Archives of Veterinary Science**, v. 17, 2012.

RODRIGUES, G. S.; SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. S. Estudo exploratório acerca da utilização de métodos alternativos em substituição aos animais não humanos. **Revista Bioética**, v. 19, p 577– 96, 2011.

SOUSA, A. S. **Uso de animais para fins didáticos: percepção dos estudantes e professores dos cursos da área de saúde da FTC – Salvador**. 2007. 87 p.

Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador, Bahia – BA. 2007.